

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E A PAISAGEM CULTURAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: ANACRONISMO OU RUGOSIDADE?

The industrial heritage and the cultural landscape of campos dos goytacazes : anachronism or roughness?

El patrimonio industrial y el paisaje cultural de campos dos goytacazes: anacronismo o apseza?

Zandor Gomes Mesquita
Universidade Federal do Espírito Santo
zandormesquita@gmail.com

Philippe Braga André
Universidade Federal do Espírito Santo
philipe.ba@hotmail.com

Resumo

O Patrimônio Industrial diz respeito aos resquícios do modo de produzir de uma sociedade, constituídos de seu valor histórico, tecnológico, social e arquitetônico ou científico. Sua análise possibilita uma conexão com o tipo de industrialização de um período histórico, com o modo de vida da classe trabalhadora correspondente e permite entender os processos de conformação do espaço na qual essa população residia. Neste sentido, o patrimônio industrial está intimamente relacionado a paisagem cultural. Esta pode ser entendida como um produto da apropriação e transformação do homem sobre a natureza, constituindo um conjunto de significados, impressos através da linguagem, dos símbolos e traços culturais do grupo social em questão. Em Campos dos Goytacazes, ao relacionarmos esses dois conceitos, se faz necessário relacionar com o setor sucroalcooleiro, pois este teve influência direta na formação da cultura campista, visto que, por muito tempo, era a base econômica da cidade. Porém, hoje, uma grave crise tomou conta do setor e o Patrimônio Industrial deixa de ser um elemento dominante na paisagem e passa a ser residual, sendo considerado, em alguns momentos, entraves para o desenvolvimento local. Entretanto, mesmo com a não atividade, as estruturas persistem na paisagem, disputando espaços com uma nova dinâmica, tentando sobreviver frente a um acelerado processo de urbanização. Mediante o novo contexto, cabe a pergunta: este pode ser considerado anacronismo diante dos novos processos implementados ou uma soma de diferentes tempos que persiste em permanecer na paisagem cultural local? O trabalho pretende dar subsídios para o desenvolvimento deste debate.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial; Paisagem Cultural; Campos dos Goytacazes;

Abstract

The Industrial Heritage refers to the remnants the way of producing a society, constituted of its historical, technological, social and architectural or scientific value. It analysis makes possible a connection between the type of industrialization of a historical period, with the way of life of the corresponding working class and allows to understand the processes of conformation of the space in which this population resided. In this sense, the industrial patrimony is closely related to the cultural landscape. This can be understood as a product of the appropriation and transformation of man over nature, constituting a set of meanings, imprinted through language, of the symbols and cultural traits of the social group in question. In Campos dos Goytacazes, when relating these two concepts, it is necessary to relate to the sugar and alcohol industry,

since it had a direct influence on the formation of the camper culture, since for a long time it was the economic base of the city. However, today a serious crisis has taken hold of the sector and the Industrial Patrimony ceases to be a dominant element in the landscape and becomes residual, being considered in some moments, obstacles to the local development. However, even with non-activity, the structures persist in the landscape, disputing spaces with new dynamics, trying to survive in the face of an accelerated urbanization process. Through the new context, the question arises: can it be considered anachronism in the face of new processes implemented or a sum of different times that persists in remaining in the local cultural landscape? The work intends to give subsidies for the development of this debate.

Keywords: Industrial Heritage; Cultural Landscape; Campos dos Goytacazes.

Resumen

El patrimonio industrial se refiere a los restos de un modo de producción de una sociedad, constituido por su valor histórico, tecnológico, social y arquitectónico o científico. El análisis del patrimonio industrial conecta el tipo de industrialización de un periodo histórico con el modo de vida de la clase obrera correspondiente y posibilita comprender los procesos de conformación del espacio en que residía esa población. Así, el patrimonio industrial está estrechamente relacionado con el paisaje cultural. Esa es un producto de la apropiación y transformación del hombre sobre la naturaleza, formando un conjunto de significados, impreso a través del lenguaje, de los símbolos y rasgos culturales del grupo de que se trate. En Campos dos Goytacazes, cuando relacionamos estos conceptos, es imperativo su relación con el segmento sucroalcoholero cuya influencia fue directa en la formación cultural campista dado que, durante mucho tiempo, era la base económica de la ciudad. Todavía, una grave crisis se apoderó del sector en tiempos recientes y el patrimonio industrial no es más un elemento dominante en el paisaje e se convirtió en residual y, a veces, un entrabe al desarrollo local. Sin embargo, aunque sin actividad, las estructuras persisten en el paisaje y compiten con nuevas dinámicas para sobrevivir a un acelerado proceso de urbanización. En este nuevo contexto, pregunta-se: ¿puede esto ser considerado anacrónico ante los nuevos procesos implementados o una suma de diferentes momentos que persiste en permanecer en el paisaje cultural local? El trabajo tiene como objetivo hacer concesiones para el desarrollo de este debate.

Palabras claves: Patrimônio Industrial; Paisaje Cultural; Campos dos Goytacazes;

Introdução

O Patrimônio Industrial diz respeito aos resquícios do modo de produzir de uma sociedade, constituídos de seu valor histórico, tecnológico, social e arquitetônico ou científico. Seu estudo propicia o entendimento e a recolha do saber técnico de uma sociedade, ou comunidade, que está sempre em constante mudança, se adaptando ao contexto no qual está inserido. Sua análise possibilita uma conexão com o tipo de industrialização de um período histórico, com o modo de vida da classe trabalhadora correspondente, e permite entender os processos de conformação do espaço onde essa população residia.

Nesse sentido, o patrimônio industrial está intimamente relacionado à paisagem cultural. Esta pode ser entendida como um produto da apropriação e da transformação do homem sobre a natureza, constituindo um conjunto de significados, impressos através da linguagem, dos símbolos e traços culturais do grupo social em questão. Além disso, a paisagem materializa as relações entre sociedade-técnica-espaço através de suas formas construídas. Dotados de valor e significados atribuídos socialmente, os objetos técnicos presentes na paisagem, em um determinado momento, refletem a sociedade correspondente e seus conflitos.

Em Campos dos Goytacazes, localizada na Região Norte Fluminense, ao relacionarmos esses dois conceitos, faz-se necessário dar foco especial para o setor sucroalcooleiro, pois este teve influência direta na formação da cultura campista, visto que, por muito tempo, era a base econômica da cidade. A relação entre a produção canavieira e a cidade de Campos é antiga, datando o período colonial, haja vista que essa atividade foi escolhida como estratégia de ocupação do território local. Com seu auge na virada do século XIX para o XX, atualmente uma grave crise tomou conta do setor: das vinte e sete unidades produtivas que funcionavam na região, só duas continuam a operar. Assim, o Patrimônio Industrial deixa de ser um elemento dominante na paisagem e passa a ser residual, pois já não exerce mais a influência de antes, sendo considerado, em alguns momentos, entraves para o desenvolvimento local. Contudo, mesmo com a não atividade, as estruturas persistem na paisagem, disputando espaços com uma nova dinâmica, tentando sobreviver frente a um acelerado processo de urbanização.

O presente artigo, então, se situa mediante tal contexto e motivado pela seguinte pergunta: o patrimônio industrial residual pode ser considerado como anacronismo diante dos novos processos implementados ou uma soma de diferentes tempos que persiste em permanecer na paisagem cultural local? Na busca por subsídios para esse debate, o artigo segue estruturado em quatro partes além dessa introdução. O primeiro item busca debater algumas questões teóricas básicas sobre o patrimônio industrial, como sua definição e um breve histórico dos estudos na área. Em seguida, discutem-se questões relativas ao conceito de paisagem em sua vertente cultural e a relação entre a dimensão técnica do espaço e a construção das paisagens. É debatida, então, a constituição do patrimônio industrial e sua conformação na paisagem cultural da região Norte Fluminense. Por fim, são tecidas breves considerações finais, buscando sintetizar os elementos anteriormente debatidos e indicar algumas respostas provisórias sobre as questões aqui levantadas.

O Patrimônio Industrial

A palavra Patrimônio está relacionada, originalmente, à herança paterna, ou seja, aos bens materiais transmitidos de pai para filho. Porém, com o decorrer dos anos, seu conceito tem sofrido alterações. Isso ocorreu não só pela ampliação de seu significado, mas também pelo fato de ter ocupado uma função de maior relevância, tendo originado uma literatura abundante, o que, conseqüentemente, abriu espaços para novas discussões, onde há uma preocupação especial com as múltiplas relações do Patrimônio com outras vertentes da realidade histórica, sem esquecer a própria história do presente (MENDES, 2006).

As questões referentes ao Patrimônio Industrial ainda são pouco conhecidas e estudadas. Este campo de estudo não trata apenas de grandes estruturas, com grande valor arquitetônico, máquinas antigas, espaços ociosos, que foram engolidos pela modernidade, onde se dava o funcionamento de determinada produção. O Patrimônio Industrial é parte constituinte da vida de homens e mulheres comuns, que lhe confere valor identitário e, através de seus estudos, faz-se possível compreender o tipo de industrialização (e tecnologia) de uma época, assim como o modo de vida da classe trabalhadora correspondente (SILVA, 2017). Como salienta Choay:

Que recordam então os edifícios antigos? O valor sagrado dos trabalhos que os homens de bem, desaparecidos e anônimos, realizaram para honrar o seu Deus, compor os seus lares, manifestar suas diferenças. Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas, o mais humilde lar (CHOAY, 2000, p.121).

Os estudos históricos e sociológicos relativos à temática do Patrimônio Industrial são antigos. Estes se davam de forma indireta, através das pesquisas sobre a história das ciências, da técnica, econômica e social, voltadas ao processo de industrialização, produção de energia e meios de transporte (KÜHL, 2016). Contudo, o seu estudo ganha relevância a partir da década de 1940, tendo como impulso principal a Segunda Guerra Mundial e seu caráter destrutivo¹. Neste momento, os aspectos histórico-culturais das unidades produtivas começam a ser ressaltados, sendo argumentado que suas estruturas não só eram parte integrante do patrimônio cultural, como também deveriam constituir o objeto de uma nova ciência, disciplina ou ramo de saber, que seria chamada de Arqueologia Industrial. No Brasil, o interesse pelo tema surge tardiamente, tendo a primeira obra publicada sobre o assunto em 1978, pelo historiador Warren Dean, intitulado: “A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial” (KÜHL, 2016). Vichewski (2004) afirma que atualmente o estudo e a preservação do patrimônio industrial no país ainda estão na sua fase inicial, afirmando que há uma falta de preocupação com o Patrimônio Industrial local, não dando a devida assistência às estruturas do período colonial, nem as do século XIX e XX.

Um aspecto deve ser levado em consideração ao se tratar desta temática. Há de se ressaltar que sua importância vale, essencialmente, pelo meio em que se insere, pela paisagem em que se revela como ícone, pelas relações que estabelece com o espaço e as memórias na diversidade de referências. Nesse sentido, o município de Campos dos Goytacazes é um local propício ao estudo do Patrimônio Industrial, cujo como

¹ A destruição derivada da Segunda Guerra mundial despertou o interesse e a necessidade da preservação deste Patrimônio.

principal *locus* de atuação é o setor sucroalcooleiro, onde a estrutura de produção – a Usina – desponta como representação maior de uma história feita a par da economia açucareira.

A Paisagem Cultural

Ao trabalhar com o conceito de paisagem faz-se necessário sua delimitação, dada a abrangência do termo e as diferentes acepções disciplinares a ele relacionadas que são variadas, oscilando de acordo com o interesse do objeto e da forma com a qual será trabalhado. Ao longo do tempo, diversos foram os sentidos atribuídos e várias foram as disciplinas que se dedicaram ao seu estudo, porém para a geografia ela é um conceito-chave, pois serviu para o seu desenvolvimento, criando bases para sua consolidação enquanto ciência (HOLZER, 1999; CLAVAL, 1999). Os primeiros a avançarem nesse processo foram os geógrafos franceses e alemães, no século XIX, ao destituírem o sentido puramente romântico do conceito. Neste momento, a paisagem além de estética passa a ter um aspecto conceitual passível de reflexão e estudo empírico.

No século XX, a concepção cultural da paisagem ganha notoriedade, apresentando-se como uma herança de propriedades materiais, transmitidas a gerações sucessivas, que absorve trabalho contínuo e variado para seu uso e manutenção, e mantém a sociedade enraizada em determinado lugar, estando sujeita à estratificação histórica, posto que é contínua e repetidamente ocupada (ARAGÃO, 2006). Nesse quadro o simbólico é evidenciado em sua análise, pois os grupos que a “criam” carregam consigo um conjunto de significado que são plasmados no decorrer do seu cotidiano.

Ressaltando essa situação, Cosgrove (1998) afirma que, ao trabalharmos as questões relacionadas à paisagem, não podemos nos ater, unicamente, ao seu aspecto morfológico, pois o imaterial tem muito a dizer; e um olhar pragmático não seria capaz de compreender. A ação humana é regida por paixões motivadoras (como as questões moral, religiosa, sexual, política, etc.) e essas influenciam o seu comportamento diário. Na medida em que a paisagem é construída a partir das práticas dos indivíduos, não podemos deixar de levar em consideração a força que essas paixões exerceram sobre a mesma.

Sendo abordada por esse viés, a paisagem adquire um aspecto crítico, pois é estruturada a partir de relações que também são políticas, expondo as relações de poder subjacentes. Além disso, por ser uma abstração, ao passo que não existe por si, ela é uma maneira de se produzir, manipular e contemplar o espaço representado, enfatizando ainda mais o simbolismo que o caracteriza (COSGROVE, 1998).

Nessa perspectiva, a paisagem apresenta-se como um texto, dada sua condição de ser, ao mesmo tempo, produzido, contemplado, interpretado e, por vezes, consumido. Essa interpretação revela as relações de poder existente, pois sua caracterização pode se converter num discurso ideológico, assim como sua reprodutibilidade nas mais diversas mídias, fazendo com que o maior número de pessoas seja atingido pelo discurso pretendido. Assim, ela pode ser caracterizada como um produto da apropriação e transformação do homem sobre a natureza, constituindo um conjunto de significados impressos através da linguagem, dos símbolos e traços culturais do grupo social em questão. Cosgrove (1998) ressalta os distintos tipos de

apropriação e visão da paisagem, relacionando-os principalmente com a questão do poder, revelador das relações de dominação e opressão neste processo. Segundo o autor:

Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como a objetiva e válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto é as vezes chamado de *hegemonia cultural*. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade (COSGROVE, 1998, p.p. 104-105).

A partir dessa perspectiva, o simbolismo da paisagem reproduz normas culturais vigentes, sendo preconizado os valores de grupos dominantes, que são os que detêm o poder. Porém, não somente este grupo compõe a paisagem. Sobre a mesma também exerce influência o grupo subdominante (alternativo), que molda o local de sociabilidade, influenciado pela sua cultura e pela relação de dominação existente. Desse modo, a paisagem passa a ser plasmada pela relação de diferentes grupos que a influenciam. Então, pode-se caracterizar dois tipos de paisagens que, apesar de distintos, são complementares entre si: o da cultura dominante (que revela os meios pelos quais seu poder é exercido) e o das paisagens alternativas (criadas por grupos não dominantes e que, por isso, apresenta menor visibilidade). Como fruto da relação entre essas duas paisagens, têm-se a paisagem residual. Esta pode ser considerada um híbrido destas duas, pois é composta de elementos da paisagem dominante e subdominante. A paisagem residual é caracterizada por permitir uma análise e uma reconstrução do passado, tendo em consideração que representa e expõe elementos que se fizeram presentes no processo de conformação do espaço.

Para Berque (1998), o aspecto cultural da paisagem é uma importante fonte de informação, pois ela é, ao mesmo tempo, marca – na medida em que representa uma sociedade a partir de sua materialidade, sendo passível de descrição e inventário – e também matriz – a partir do momento em que influencia na questão da percepção, concepção e ação do indivíduo (no que tange ao aspecto cultural como um todo), ou seja, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada e reproduzida por um padrão moral e estético, gerado por um tipo de política.

Assim, a paisagem é uma abstração que não está contida exclusivamente no objeto ou no sujeito, mas sim na interação complexa entre esses elementos. Sendo assim, ela possui a marca de uma cultura e também a influencia, ou seja, um processo simultâneo; a paisagem é captada por um olhar, mas também o determina. Nesse sentido se apresenta como um agente ativo, passivo e potencial. Segundo Berque: “a paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se auto-produz e se auto-reproduz – e portanto se transforma” (BERQUE, 1998, p. 86).

Por esse prisma, a paisagem é tratada como uma representação, tornando-se inesgotável, pois reproduz-se, renova-se e regenera-se, assim como a coletividade que lhe dá vida. A partir dessa concepção, a paisagem assume caráter identitário, na medida em que as sociedades recebem e percebem, constroem e reivindicam, representam e interpretam os lugares em que estão inseridas. Deste modo, ela é considerada

uma expressão concentrada da identidade coletiva, sendo um espelho acumulador que possibilita a representação do real e a união em torno de algo comum, influenciando na formação do ser (PISÓN, 2000). Com isso, criam identidades que se reforçam em relação a outras, sendo consideradas heranças, passíveis de preservação. Conforme ressalta Pisón, “Dime el paisaje que vives y te diré quien eres” (PISÓN, 2000, p.227).

Dotada de sentido e ancorada sobre uma base material, a paisagem deve ser vista como uma importante fonte investigativa, principalmente no que tange aos aspectos culturais de um determinado local. Pisón (2000) afirma que ela passou a ser vista como um marco de vida, pois dá suporte ao seu desenvolvimento, sendo realidades físicas individualizadas, inseridas em organizações (naturais ou culturais) dinâmicas, dotadas de próprio sentido, se fundamentando na relação direta de sua base (o aspecto estrutural), com a forma que se materializa (aspecto morfológico) e pela forma que se materializa (aspecto cultural social). Nas palavras do autor:

En este juego de interacciones el paisaje no aparece, pues, solo como un ente fisionómico y estético, sino que constituye un complejo vivo de formas que cristaliza, se articula, late y reposa sobre un sistema de condiciones y relaciones geográficas, susceptible de análisis cualitativo y funcional más allá de las apariencias. (...) es expresión de una civilización, tanto material como espiritual (PISÓN, 2000, p. 216).

Em cada período o imaginário coletivo varia e com ele a concepção social do natural, traduzidas em artefatos (materiais e simbólicos) que possibilitam a melhor vivência no espaço. Essas mudanças são percebidas na paisagem, pois além de ser um conceito abstrato de compreensão do meio, se apresenta também como materialidade pela qual os indivíduos enquanto seres sociais se organizam. Sendo assim, este conceito se apresenta como a melhor maneira de estudar essas transformações, pois é portador de sentido, representando tanto a variação quanto a ideologia que há por trás (LUCHIARI, 2001).

As paisagens construídas e valorizadas expõem a estrutura social vigente e dão contorno a lugares, pois ela é a materialidade que permite a representação simbólica. Sendo assim, ela é socialmente configurada, edificada em torno de instituições sociais dominantes e ordenada pelo poder das mesmas (CASTRO, 2005). Desta maneira, por seu intermédio, pode-se mapear a cultura e o poder que a conforma, na medida em que as políticas implementadas tem por objetivo a preservação da condição social, cedendo benefícios à elite vigente, que ostenta seu poder na suntuosidade de suas construções (CORRÊA, 2003).

As relações entre espaço e tempo constituem uma das preocupações de geógrafos, na medida em que “tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes” (SANTOS, 2008b, p. 252). Assim, na busca por um tratamento teórico que permita conjugar as duas variáveis, espaço e tempo, Santos (2008a), aponta a realização da sociedade enquanto um processo e sua viabilização através da materialidade das técnicas. Seria, então, a técnica um traço de união, histórico e epistemológico, entre espaço e tempo. Afinal:

As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação (SANTOS, 2008a, p. 54).

Nessa relação entre sociedade-técnica-espaço, a paisagem se dá como um conjunto transtemporal, conjugando objetos de diferentes tempos históricos com diferentes conteúdos técnicos. É um sistema material cujas formas mudam de valores e significados para atender às necessidades da sociedade em suas transformações ao longo do tempo (SANTOS, 2008a). Assim, “paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano” (SANTOS, 2008a, p. 106).

Todavia, “o fato de que os eventos sejam ao mesmo tempo espaciais e temporais não significa que se pode interpretá-los fora de suas próprias determinações ou sem levar em conta a totalidade da qual eles emanam e que eles reproduzem” (SANTOS, 2008b, p. 253). Nesse sentido, dado o seu caráter de reunião de objetos técnicos do passado e do presente, a paisagem e a permanência (bem como a modificação ou supressão) de formas não é dada apenas por sua história, mas pelas suas funções atuais: valores e significados são dados pela “confrontação com a sociedade atual” (SANTOS, 2008a, p. 107).

Dessa forma, quando da análise de um objeto ou objetos em uma dada paisagem, é central considerar a vida sistêmica do(s) mesmo(s), uma vez que “o significado da mesma variável muda no decurso do tempo, isto é, na história do lugar” e a “sucessão de distemas é mais importante que a de elementos isolados (...). Sozinha, uma variável é inteiramente carente de significado, como o é fora do sistema ao qual pertence” (SANTOS, 2008c, p. 37).

Num dado sistema de espacial de objetos, a sua existência nunca é livre da influência de sistemas anteriores. A configuração de objetos responde a uma ordem na qual “alguns elementos cedem lugar, completa ou parcialmente, a outros da mesma classe, porém mais modernos; outros elementos resistem à modernização; em muitos casos, elementos de diferentes períodos coexistem” (SANTOS, 2008c, p. 36). A paisagem se torna então um “mosaico”, no qual convivem os diferentes elementos e cuja “nenhuma parte tem, em si, condições de provocar mudanças no conjunto (...) e cada aspecto ou parte é apenas uma peça, um dado, um elemento, no movimento do todo (SANTOS, 2008a, p. 107).

Assim, a paisagem pode ser entendida como um produto das ações humanas. Ao mesmo tempo, ela também pode ser considerada um elemento de influência social, na medida que é condição para consolidação de eventos futuros, por meio das rugosidades. Diante disso, ela é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações, contraditórios e solidários, fixos e fluxos, e por seu intermédio se faz possível entender a história (SANTOS, 2002).

Cabe definir que rugosidades são os espaços estruturados, o tempo histórico que se transformou em paisagem, sendo incorporada ao espaço. São formas e processos inerentes ao processo social, que materializam as relações que estão presentes em um determinado contexto; são o que “fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com o

que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2008a, p. 140). Sendo assim, por seu intermédio, faz-se possível investigar o passado cristalizado nas formas do hoje, oferecendo, mesmo sem uma tradução imediata, o entendimento sobre a situação do trabalho, técnica e inserção da circulação do capital. Deste modo, elas fazem parte do meio construído, fração do sistema de objetos que expõe as marcas da cultura, trabalho, sociedade, economia e tecnologia do momento histórico que foram criadas, possibilitando a caracterização e categorização das relações antrópicas que se interconectam no espaço presente.

Tratar a paisagem sob a perspectiva das rugosidades é apreender as diferentes forças, nos diferentes tempos que a conformaram. É entender que a situação atual não pode ser vista somente pelo olhar do hoje, deve-se ter em mente que há uma gama de camadas que foram sendo estabelecidas no decorrer dos anos, sobrepostas, acumuladas, que sobrevivem e que, através delas, se faz possível a compreensão do presente. Na medida em que é antrópica, as relações de forças existentes ficam expostas na sua configuração, deixando evidente as ordens acumuladas, segregações geradas, controles sociais do momento, modernizações e processos de exclusão do contexto que foi cristalizada.

A paisagem é política. Estudá-la, tendo como ponto referencial as rugosidades, é compreender esse processo. Na sua conformação nem todos os grupos estarão presentes, logo, a heterogeneidade será uma marca. As correlações de forças influenciarão na configuração do local, onde o grupo dominante terá a maior força nesse processo. Porém, isso não quer dizer que outras racionalidades não se façam representadas. Elas farão parte dessa estruturação, mesmo que de maneira residual e alternativa, tendo informações a expor. Trabalhar a paisagem na perspectiva da rugosidade possibilita o entendimento do afloramento dessas racionalidades alternativas, permitindo sua sobrevivência.

O item a seguir se propõe a discutir como, em Campos dos Goytacazes, sob o prisma do patrimônio industrial e através da paisagem e das rugosidades, é possível visualizar a passagem da ordem socioeconômica e espacial das usinas de açúcar e álcool por novas hegemonias, num jogo complexo entre supressão, acréscimo e acumulação de formas que se visualizam os efeitos das trocas de poder e novas conformações econômicas, sociais e culturais na paisagem. As rugosidades resultam, então, do conflito de interesse entre diferentes projetos de desenvolvimento urbano da cidade e os processos por eles engendrados ou intensificados. A produção do espaço urbano direcionou os fluxos e os fixos na garantia da reprodução do capital dominante, superando a ordem vigente, no caso de estabelecimento de novas relações de poder.

O Patrimônio Industrial, a Paisagem Cultural e as rugosidades presentes em Campos dos Goytacazes

Segundo Sergio Buarque de Holanda (1993), no Brasil Colônia, os primeiros aglomerados urbanos nada mais eram que fortificações com algumas poucas casas, cercadas de plantações de cana, moendas e o engenho do açúcar, sendo considerado um prolongamento da zona rural. Os núcleos urbanos eram tidos como parte integrante da unidade produtiva, tendo seu espaço estruturado a partir de sua demanda. Com

isso, os povoados eram formados em locais onde o escoamento da produção era favorável, em que a chegada de insumos, equipamentos e mão de obra escrava era facilitada.

É com essa realidade que começa a ser estruturada a região Norte Fluminense. Em verdade, a produção sucroalcooleira não foi a única atividade industrial desenvolvida, mas foi a de maior relevância. A relação do local com a cultura canavieira se inicia já no século XVI, quando em 1536, o tenente Pero de Góis da Silveira recebeu a recém-criada Capitania Paraíba do Sul. Assim como os demais donatários radicados no Brasil, ele assumiu a responsabilidade de administrar a capitania e, para tanto, decidiu que a implementação da atividade canavieira, a exemplo da praticada no Nordeste, seria a mais adequada. No final de 1538, Pero de Góis fundou no local uma pequena povoação, denominada Vila da Rainha², onde introduziu as primeiras mudas de cana-de-açúcar, construiu engenhos movidos à água e importou escravos africanos para o trabalho na lavoura (CARVALHO e SILVA, 2004). Tem-se então o início da influência da produção sucroalcooleira na conformação da região.

Apesar do meio natural apresentar características favoráveis ao desenvolvimento da cultura canavieira (vasta planície, solo fértil, fartura de lenha, recurso hídrico, entre outros), a atividade não perdurou no século XVI. Isso ocorreu devido às constantes investidas das populações indígenas que ali residiam. Posteriormente, seu filho, Gil de Góis, renunciaria aos direitos hereditários que possuía junto à capitania. Numa segunda tentativa de colonizar a região, em 1627, a Coroa Portuguesa ordenou a divisão da capitania em glebas e as doou aos sete capitães portugueses, alguns deles donos de engenho no recôncavo da Guanabara, com o intuito de efetivar a ocupação. Os novos donatários introduziram a pecuária na região e, neste momento, intensificou-se o processo de colonização do local, culminando, em 1667, na fundação da Vila de São Salvador, atual sede do município de Campos dos Goytacazes.

No final do século XVIII, a atividade canavieira retoma importância no Norte Fluminense e consolida-se, em virtude do reaquecimento da demanda internacional. Com isso, a atividade pecuarista (que era voltada principalmente para atender as necessidades da metrópole) vai perdendo espaço para a cana-de-açúcar. Neste momento, o espaço local retoma importância, e a atividade canavieira volta a centralizar os investimentos. Este fato dará início à conformação do meio-técnico na região. Porém, havia um desafio a ser superado, pois a geografia da região, dotada de terrenos alagadiços, dificultava o transporte do açúcar cultivado para o porto do Rio de Janeiro. De maneira paradoxal, os fatores que favoreciam o desenvolvimento da atividade sucroalcooleira estavam dificultando seu avanço. Contudo, a partir do avanço do meio técnico, a situação iria se resolver.

No século XIX, o processo de mecanização do campo chega à região e atesta o surgimento do chamado meio técnico. A produção aumenta e o espaço é modificado, dada a introdução do engenho, que é a manifestação precoce da mecanização. Com esta nova situação a paisagem local é novamente alterada, influenciada principalmente pela implantação dos novos maquinários adquiridos pelo governo imperial. Conseqüentemente, modifica-se o processo produtivo, o que é acompanhado da necessidade de uma nova

² Apesar de não se ter a localização exata da Vila da Rainha, relatos apontam que a mesa se encontrava no litoral norte de São João da Barra, onde hoje temos o município de São Francisco do Itabapoana.

organização no espaço, tanto no interior das unidades fabris (ampliação, divisão da produção, etc.), quanto no exterior (com a necessidade de novos espaços para cultivo devido ao aumento da capacidade produtiva).

Dá-se início ao período das Usinas³ de cana-de-açúcar, no qual a primeira do país foi criada em 1889, denominada Usina do Limão, localizada na região da baixada campista (BARBOSA, 2003). A partir de então, os investimentos de modernização na produção de açúcar introduziram novas plantas industriais na região Norte Fluminense e elevaram o nível de produtividade. Juntamente com a chegada das usinas de açúcar, desponta a figura do usineiro e, com ele, todo um sistema peculiar de práticas sociais, que se refletem principalmente no campo das influências políticas. Assim, cada vez mais o espaço vai sendo moldado de acordo com os interesses do grupo que detém o poder e, conseqüentemente, a paisagem vai incorporando as características culturais dessa classe dominante.

Esta modernização é então acompanhada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, informação e transporte, acirrando os fluxos materiais e imateriais. Estes passam a condicionar o território de modo a assumir uma nova forma de funcionamento, o que culmina na exacerbação do processo de alienação do espaço. Ora, mediante o grande fluxo material e imaterial, o uso da terra passa a ser, gradativamente, regulado pelos interesses de empresas, favorecendo então, a perda do controle do território por parte do Estado.

Contudo, o processo de modernização e reestruturação do padrão produtivo das usinas sucroalcooleiras, no Norte Fluminense, ocorreu desacompanhado de um aumento e transformação da capacidade de produção, cultivo e qualidade da matéria-prima essencial, na mesma proporção: a cana-de-açúcar. O resultado é que sem matéria-prima para trabalhar muitas usinas entraram em falência e o setor entrou numa crise que perdura até os dias de hoje.

Concomitante ao declínio da produção sucroalcooleira, outras atividades começam a se estabelecer e crescer no Norte Fluminense, fruto de um processo de escala global, atraindo novos investimentos públicos e privados, reconfigurando a região, transformando-a na sede de grandes empreendimentos. Tal processo tem início na segunda metade do século XX, principalmente com a instalação da base da PETROBRÁS no município de Macaé-RJ. Mesmo a dinâmica não ocorrendo no seu território, Campos tem participação direta na consolidação do projeto petrolífero, cedendo mão-de-obra, estruturas e outros serviços necessários ao seu funcionamento. Assim, vê-se estabelecido um intenso fluxo entre esses dois municípios e, paulatinamente, as atenções passam a se voltar para as dinâmicas que compõem esta atividade, com o intuito de otimizá-la, preterindo o setor sucroalcooleiro.

Dessa maneira, o que era dominante passa a ser residual. O setor canavieiro que por muito tempo influenciou a alocação dos recursos em seu benefício, visando uma melhor fluidez dos seus produtos, passa a ser tratado de maneira secundária, sendo, inclusive, considerado um entrave ao novo modelo de

³ De acordo com Barbosa (2003), os engenhos centrais se diferenciavam das usinas pelo fato de que estes funcionavam em moldes de cooperativas, onde ficava proibida a existência de terras próprias cultivadas. A eles cabia somente o beneficiamento de canas de fornecedores, numa nítida separação entre a atividade agrícola e a industrial, que fracassou porque o segmento industrial funcionava com grande capacidade ociosa. As usinas garantiam, por sua vez, o fornecimento de matérias-primas ao possuírem terras e cultivarem a cana-de-açúcar.

desenvolvimento posto. As mudanças começam a ocorrer de todos os lados, tendo na política um ponto de evidência, com o candidato da oposição ganhando a eleição, retirando da prefeitura o candidato apoiado pelos usineiros. Aos poucos, as grandes unidades fabris vão decretando falência.

Das vinte e sete usinas que aqui funcionavam de maneira plena, só restam duas. E mesmo essas apresentam dificuldades, haja vista as notícias de fechamentos constantes. O setor sucroalcooleiro, ao longo desse processo, se viu mergulhado em problemas, tais como escândalos de utilização de trabalho análogo ao escravo, ações de agressão ao meio ambiente, não pagamento de funcionários, entre outros.

Assim, uma atividade que era sinônimo de poder, passou a ser tratada com algo a ser escondido. Entretanto, as suas grandes estruturas persistem espalhadas pela cidade, que se desenvolveu ao longo das vias de fluxo desta atividade. Algumas em zonas afastadas, outras no perímetro urbano, as unidades fabris continuam a fazer parte do cotidiano dos campistas e de quem passa na região. E elas tem muito a dizer. Técnicas, relação de trabalho, dominação, jogo de poder, entre outras coisas, ficam evidentes em suas formas. Sendo parte componente da paisagem residual atual, as usinas de cana-de-açúcar contam a história de Campos e expõem processos importantes para a população campista: as rugosidades destas paisagens, pois mostram como que a história foi se fazendo, como que as estruturas foram se delimitando, como que o município foi se conformando.

Considerações Finais

O presente artigo objetivou levantar considerações iniciais sobre as relações entre patrimônio industrial e paisagem, bem como discutir o conceito de rugosidades como possibilidade para apreender as transformações na paisagem de Campos dos Goytacazes. Guiado pela pergunta “o patrimônio industrial residual pode ser considerado anacronismo diante dos novos processos implementados ou uma soma de diferentes tempos que persiste em permanecer na paisagem cultural local?”, realizou-se um percurso intelectual que debateu, além dos conceitos acima mencionados, as relações entre espaço, tempo, objetos e técnica.

Entre suas dimensões técnica e simbólica, a paisagem exprime de forma ampla as relações entre espaço e tempo. No jogo entre supressão, acréscimo e modificação de suas formas, a paisagem resultante é composta por elementos que reproduzem normas culturais e objetos técnicos de um determinado momento. Sua continuidade ou substituição na paisagem respondem a fatores de ordem técnica, cultural e social. É nesse contexto que as rugosidades emergem como um testemunho dos embates entre culturas dominantes e alternativas, numa expressão das relações de poder entre diferentes grupos sociais.

Na paisagem de Campos dos Goytacazes, as formas do patrimônio industrial que persistem são testemunhos de uma cultura outrora dominante que perdeu força e prestígio com as transformações na dinâmica econômica da região norte fluminense. A decadência do setor sucroalcooleiro é atestada pelo caráter residual dos objetos que ainda persistem na paisagem campista. De símbolos de uma cultura

dominante, tornaram-se subdominantes e perdem destaque para objetos ligados às novas atividades econômicas do município.

Referências Bibliográficas

- ARAGÃO, Solange Moura de Lima. O estudo dos tipos-interfaces entre tipologia e morfologia urbana e contribuições para o entendimento da paisagem. *Geosul*, Florianópolis, v. 21, n° 42, p. 29-43, 2006.
- BARBOSA, Pedro Paulo Biazzo de Castro. A constituição de uma periferia em face da modernização: a produção de açúcar e álcool no Brasil e as transformações na Região Norte Fluminense. In: MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo (org). *Revisitando o Território Fluminense*. Rio de Janeiro: Edições NEGEF, 2003.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. 2° ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- CARVALHO, Ailton Mota de; SILVA, Roberto Cezar Saraiva da. Formação Econômica da região Norte Fluminense”. In: PESSANHA, Roberto Moraes, SILVA NETO, Romeu (orgs). *Economia e Desenvolvimento da região Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo*. Campos dos Goytacazes: WTC Editora, 2004.
- CASTRO, Demian Garcia. *Patrimônio histórico e arquitetônico como marca de qualificação da paisagem de Quissamã*: identidade cultural, poder e consumo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2005.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao Patrimônio Industrial e à sua preservação. In: *Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN*. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br>>. Acessado em 10 de mar. 2016.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1993.
- HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- LUCHIARI, Maria Teresa Duarte Paes. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MEINIG, Donal W. *O olho que observa: dez visões da mesma cena*. Editora Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n°13, p. 35-45, 2002.
- MENDES, José Amado. *Industrialização e Patrimônio Industrial: desenvolvimento e Cultura*. Ericeira: 2006.
- PISÓN, Eduardo Martínez. *La proteccion del paisaje. Una Reflexión*. Estudios sobre El paisaje. Madri: Fundacion Dques de Sória, 2000.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª edição. São Paulo: EdUSP, 2008a.

_____. *Por uma Geografia Nova*. 6ª edição. São Paulo: EdUSP, 2008b.

_____. *Espaço e Método*. 5ª edição. São Paulo: EdUSP, 2008c.

SILVA, Leonardo Mello e: Patrimônio Industrial: passado e presente. In: *Patrimônio - Revista Eletrônica do IPHAN*. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br>> . Acesso em: 10 de mar. 2017.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. As Indústrias Matarazzo No Interior Paulista: Arquitetura Fabril e Patrimônio Industrial (1920-1960). In: MENEGUELLO, Cristina et RUBINO, Silvana: I ENCONTRO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. *Anais do I Encontro em patrimônio Industrial* Campinas, UNICAMP: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.